

ORIENTE MÉDIO

Israel mata líder militar do Hezbollah

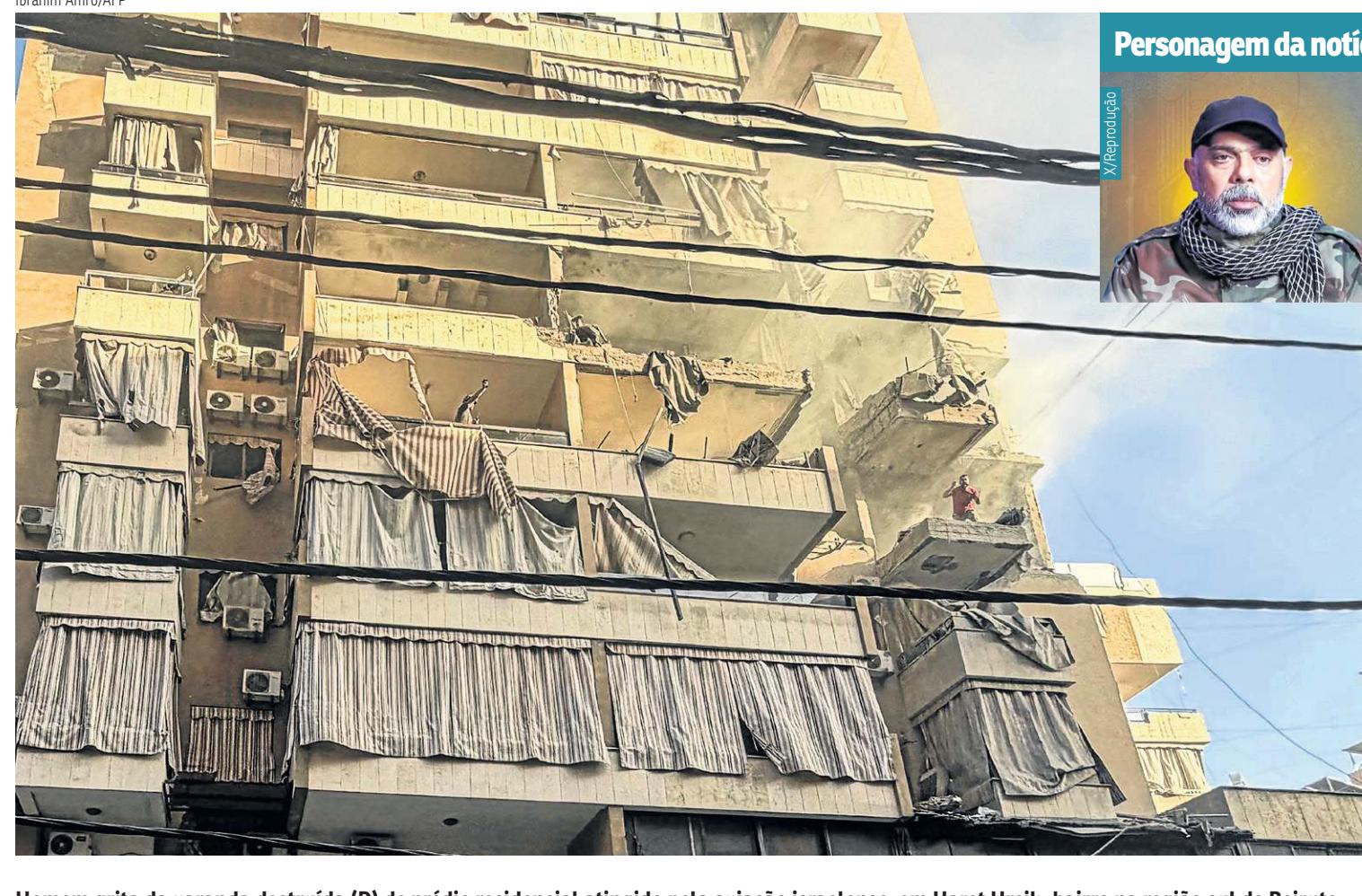
Mísseis eliminam Haitham Ali Tabatabai, chefe do Estado-Maior do movimento fundamentalista xiita libanês, no primeiro ataque a Beirute em meses. Testemunhas relatam tensão ao **Correio**. Premiê Netanyahu exige desarmamento do grupo

» RODRIGO CRAVEIRO

Moradora de Paris, a libanesa Zeina Khalaf, 48 anos, visitava o país — acometido de trauma desde a última guerra — no bairro de Haret Hreik, na região sul de Beirute. "Por volta das 15h (10h no horário de Brasília), nós estávamos saídos da casa dele, quando escutei uma explosão, a cerca de 400m dali. Começamos a escutar sirenes. Foi o caos. As pessoas, em pânico, checavam umas às outras", contou ao **Correio**. "Os drones continuam sobrevoando nossas cabeças. É terrível e frustrante continuar vivendo com medo." No primeiro ataque a Beirute em meses, as Forças de Defesa de Israel (IDF, pela sigla em inglês) bombardearam um edifício residencial e mataram Haitham Ali Tabatabai, chefe do Estado-Maior do movimento xiita Hezbollah. Além de Ali Tabatabai, quatro pessoas morreram e 28 ficaram feridas.

No bairro de Dahiyeh, o jornalista libanês Hadi Hoteit, 33 anos, pôde contar o barulho de três explosões. "Todos os prédios ao lado do edifício atingido sacudiram. Os israelenses dispararam oito mísseis, mas dois deles não explodiram e foram encontrados, intactos, dentro do prédio", relatou à reportagem. "Nós esperávamos por um ataque, porque, nas últimas quatro semanas, Israel tem vasculhado o céu com drones assassinos. Isso é algo muito incomum. Eles têm feito isso noite e dia", comentou. Ele lembrou que as autoridades israelenses sinalizavam com uma nova escala contra o Líbano. "As pessoas, por aqui, antecipavam que alguma coisa aconteceria. Foi um ataque surpresa. É triste saber que Israel alvejou um dos comandantes mais importantes do Hezbollah. O martírio de um homem não terá o mesmo peso do que teve a morte do xeque Hassan Nasrallah (líder máximo do Hezbollah), por causa de uma estrutura menos centralizada do grupo."

Mahmud Qomati, comandante do Hezbollah e sucessor de Nasrallah, visitou o bairro de Haret Hreik e, em frente ao prédio atingido, advertiu que Israel "cruzou



Homem grita da varanda destruída (D) de prédio residencial atingido pela aviação israelense, em Haret Hreik, bairro na região sul de Beirute

Personagem da notícia



Discreto e experiente

Haytham Ali Tabatabai, também conhecido como Abu Ali Tabatabai, nasceu em 1968, filho de mãe libanesa e pai iraniano. Considerado figura central para as capacidades de defesa do Hezbollah, aliava disposição e experiência de combate. Ele ajudou a fundar a unidade de elite Radwan e era próximo a Imad Moughniyeh, o estrategista militar do Hezbollah assassinado por Israel em Damasco, 17 anos atrás. Além de atuar no planejamento de contingência para a área fronteiriça entre Líbano e Israel, Ali Tabatabai mantinha coordenação com grupos aliados no Iêmen, no Iraque e na Síria, na formação de uma frente anti-Israel. Em 2016, os Estados Unidos impuseram sanções contra ele e anunciam uma recompensa de US\$ 5 milhões por sua captura.

Golpes sucessivos

Os pagers letais

A Operação Grim Beeper ("Bipador Sombrio"), lançada por Israel, explodiu, ao mesmo tempo, milhares de pagers usados por combatentes do Hezbollah, em 17 de setembro de 2024. No dia seguinte, os alvos foram os walkie-talkies utilizados pela milícia. O duplo ataque deixou pelo menos 37 mortos e mais de 3 mil feridos — muitos deles perderam a visão. Um dos mais ousados ataques tecnológicos foi obra do serviço de segurança Shin Bet e do Mossad, o serviço secreto.



A morte do líder

O clérigo xiita Hassan Nasrallah, um dos fundadores e secretário-geral do Hezbollah, foi assassinado por Israel durante um

bombardeio ao quartel-general da milícia, em Dahiyeh, bairro na região sul de Beirute e bastião do grupo. Durante o ataque, em 28 de setembro de 2024, outras 33 pessoas morreram e 195 ficaram feridas.

Outros assassinatos

Em 20 de setembro de 2004, um ataque aéreo de Israel matou Ibrahim Aqil, comandante de operações do Hezbollah. Oito dias depois, Nabil Kaouk, vice-chefe do Conselho Central do movimento xiita, foi morto em um bombardeio israelense. Outro ataque matou Mohammed Sur, chefe da unidade de drones do Hezbollah.

seu poder, e não permitiremos que ele volte a representar uma ameaça. Espero que o governo libanês cumpra seu compromisso de desarmar o Hezbollah", acrescentou.

Por telefone, Nicholas Blanford — especialista em Hezbollah pelo instituto de pesquisas Atlantic Council baseado em Beirute — explicou ao **Correio** que a morte de Tabatabai insere-se em uma escalada israelense. "Israel tem falado sobre uma retomada da guerra, por parte do Hezbollah. O movimento xiita ainda estava aderindo a uma política de paciência estratégica. Precisamos ver se isso continuará, apesar do assassinato de Tabatabai", afirmou. Ele não descarta que a ofensiva contra Beirute possa empurrar o Irã para uma guerra. "Israel detém o equilíbrio de poder neste momento, mas os iranianos estão prontos para uma nova rodada de tensão com os israelenses. A questão é se o Hezbollah retaliará a partir do Líbano ou de seu aliado Irã", disse Blanford.

GUERRA NO LESTE EUROPEU

Trump acusa Ucrânia de mostrar ingratidão

Mal começava o primeiro dia de conversas em Genebra sobre o plano de paz proposto pelos Estados Unidos, e o presidente Donald Trump usava sua plataforma Truth Social para atacar a Ucrânia. O líder republicano acusou o governo de Volodymyr Zelensky de expressar "zero gratidão" a Washington pela tentativa de pôr fim à guerra com a Rússia. "Herdamos uma guerra que nunca deveria ter acontecido, uma guerra em que todos saímos perdendo", escreveu. "Os líderes ucranianos demonstraram 'zero gratidão' por nossos esforços, e a Europa continua comprando petróleo da Rússia."

Mais tarde, ao fim da rodada de negociações, o secretário de Estado americano, Marco Rubio, e o negociador da Ucrânia, Andrii Yermak, enviado de Zelensky, celebraram avanços nas conversas,

que ocorrem na missão diplomática dos EUA na cidade suíça. Rubio classificou a reunião como "a mais produtiva e significativa até agora", mas advertiu que "ainda há trabalho por fazer". Por sua vez, Yermak admitiu que houve um "bom progresso", mas preferiu não detalhar.

Para Peter Zalmayev, diretor da organização não governamental Eurasia Democracy Initiative (em Kiev), Trump não está feliz com o progresso do acordo de paz. "Ele esperava que a Ucrânia assinasse a proposta em poucos dias, mas provavelmente não acontecerá. Trump mostra uma necessidade desesperada de obter uma vitória na política externa e desviar o foco do escândalo envolvendo (o pedófilo e traficante sexual) Jeffrey Epstein, da economia em declínio e das taxas de popularidade em queda", disse ao **Correio**.

"Trump se esquece que a guerra persiste desde 2014 e começou antes mesmo de seu primeiro mandato", acrescentou Zalmayev. O estudioso acredita que o presidente americano tenta evitar reconhecer o fracasso de sua diplomacia. "Durante a campanha eleitoral, ele prometeu encerrar a guerra em 24 horas, e isso não ocorreu. Agora, põe pressão sob a Ucrânia por acreditar que nosso país é a parte mais fraca, mas que ela seja a certa

na história. Trump não se importa com valores e com seus aliados", afirmou Zalmayev.

Agradecimento

Professor de política comparada da Universidade Kyiv-Mohyla (em Kiev), Olexiy Haran disse ao **Correio** não entender a declaração de Trump. "A Ucrânia sempre demonstrou gratidão para com os EUA. Em muitas ocasiões,

expressamos esse sentimento ao presidente Trump. Nossas autoridades, nossos especialistas e nossa gente sempre agradeceram aos Estados Unidos", lembrou.

Haran ironizou o fato de que Trump jamais reclamou da "ingratidão" do presidente russo, Vladimir Putin. "Ele o chama de 'grande amigo' e reforça a importância da Rússia para os EUA. Putin nunca foi criticado por Trump. É estranho que essa declaração ocorre



Secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio (terceiro à esquerda), e o enviado especial Steve Witkoff (segundo à esquerda) conversam com autoridades ucranianas em Genebra

em meio a negociações da Ucrânia com os europeus e os americanos sobre como encerrar a guerra", concluiu.

O premiê da Polônia, Donald Tusk, questionou a real autoria do plano de paz de 28 pontos apresentado pela Casa Branca. Existe a suspeita de que a lista tenha sido formulada pelo próprio Kremlin. "Seria bom saber, com certeza, quem é o autor do plano e onde foi criado", escreveu Tusk na rede social X. Rubio respondeu: "A proposta de paz foi elaborada pelos EUA, mas também se baseia em contribuições anteriores e contínuas da Ucrânia".

A proposta apresenta pontos considerados danosos a Kiev. Pelo texto, a Ucrânia renunciaria à adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e cederia à Rússia os territórios de Donetsk e Luhansk — na região do Donbass (leste) —, além da Península da Crimeia, anexada por Moscou em 2014. Também reduziria sua força militar. Trump deu um ultimato até quinta-feira para que Zelensky respondesse sobre se aceita, ou não, acordo. (Rodrigo Craveiro)